

A ESCRAVIDÃO NA VISÃO DO LIVRO DIDÁTICO

Erlane Garcia Ferraz
Graduanda do curso de Pedagogia - UEPB
erlanegferraz@gmail.com

Luana Camila Gomes dos Santos
Graduanda do curso de Pedagogia - UEPB
luanacamila16@gmail.com

Margareth Maria de Melo
Orientadora e professora do curso de Pedagogia - UEPB

RESUMO

O presente estudo surgiu a partir de discussões sobre a temática “Escravidão” na disciplina de aprofundamento, Educação e Etnicidade Afrobrasileira, tendo um olhar voltado para o livro didático e o seu posicionamento em relação à escravidão. O objetivo é analisar como a história da escravidão, é retratada nos livros didáticos de história utilizados no terceiro e quarto ano do Ensino Fundamental. A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica em que se utilizou a análise de conteúdo do livro didático dos anos iniciais do Ensino Fundamental, comparando os textos referentes ao tráfico até a abolição. Mediante o interesse de aprofundamento sobre essa temática, foram estudados os seguintes autores: Correa (2000), Souza (2010), Lopes (1994), Mendonça (2010). A partir das leituras realizadas foi elaborado um breve histórico sobre a trajetória da escravidão desde a antiguidade, facilitando assim, a uma comparação entre os livros didáticos previamente escolhidos e os textos estudados. Percebe-se que os livros didáticos expõe a temática de maneira distinta, sendo um mais detalhado e outro muito resumido, destacando a importância do livro didático enquanto instrumento divulgador de concepções e ideologias. Ao investigar o livro não notamos somente falhas como previamente esperávamos e sim algumas importantes intervenções que auxiliaram no modo de pensar dos alunos dos anos iniciais.

Palavras chaves: Livro didático. Escravidão. História

Abstract

The present study arose from discussions on the theme "Slavery" in the discipline of deepening, Education and Ethnicity Afro-Brazilian, having one look directed to the textbook and its positioning in relation to slavery look. The aim is to analyze how the history of slavery is portrayed in history textbooks used in the third and fourth year of elementary school. The methodology used was the literature which used to analyze the content of the textbook from the early years of elementary school, comparing the texts relating to the abolition of trafficking. With the deepening of the interest on this topic, the following authors were studied: Correa (2000), Souza (2010), Lopes (1994), Mendoza (2010):. From the measurements made was drafted a brief history about the slavery since the antiquity, thus facilitating a comparison between textbooks previously chosen and studied texts. It is noticed that textbooks exposes the issue differently, with more details and the other highly summarized, highlighting the importance of the textbook whilst disseminator of ideas and ideologies. In research the book, not realized only flaws as previously expected, but some important interventions that assisted in the thinking of students in the early years.

Key words: Textbook. Slavery. history

INTRODUÇÃO

Sabemos que o livro didático é um instrumento de extrema importância para se estudar a história, pois através dele podemos ter conhecimentos de fatos que aconteceram no decorrer da história. De acordo com CORREA, 2000:

Primeiro, tratar-se de um tipo de material de significativa contribuição para a história do pensamento e das práticas educativas ao lado de outras fontes escritas, orais e iconográficas e, segundo, ser portador de conteúdos reveladores de representações e valores predominantes num certo período de uma sociedade que, simultaneamente à historiografia da educação e da teoria da história, permitem rediscutir intenções e projetos de construção e de formação social (CORREA 2000, p. 11).

De acordo com o ponto de vista do autor, o livro didático é uma forma de ter a memória impressa, ou seja, é o registro do momento histórico, para ser então utilizado nas instituições de ensino.

O interesse de nossa pesquisa é justamente analisar como a história está sendo retratadas pelo livro didático, no que se refere à escravidão. Será que o livro didático é fiel aos acontecimentos? De que forma ele relata a prática escravista? Partindo dessa problemática analisaremos os livros escolhidos de acordo com cada período que fez parte da escravidão. Iniciaremos falando sobre o ato de escravizar até a abolição. Dividiremos a análise das obras a partir de temáticas específicas: A escravidão de um modo geral, tráfico de escravos, resistência escrava e abolição. Depois teceremos algumas considerações em relação à obra como um todo, no tocante à concepção de história presente nos livros didáticos escolhidos.

DA ESCRAVIDÃO A ABOLIÇÃO

A prática da escravidão já faz parte da existência, desde a idade antiga, como exemplo podem ser citados os gregos e romanos. Segundo Pinsky (2010), a mão de obra escrava era utilizada para a pecuária, agricultura, pesca confecção de objetos de cerâmica, exploração de metais e comércio. Os escravos eram comercializados e possuíam donos, assim como os negros eles eram punidos com castigos corporais e também poderiam comprar a sua liberdade. Naquela época os escravos eram prisioneiros de guerra e pessoas que possuíam dívidas. Mesmo comprando sua liberdade eles nunca poderiam ser considerados cidadãos atenienses. A escravidão por dívidas foi abolida em 326 a. C (PINSKY, 2010).

Sabemos que a escravidão já existia na África antes da chegada dos europeus no continente, os povos africanos viviam em aldeias, reinos e cidades. Desenvolviam atividades relacionadas à pesca, agricultura, pecuária, artesanato entre outros. Assim, como os povos da antiguidade a prática da escravidão também existia entre eles. De acordo com Souza (2006):

Desde os tempos mais antigos, alguns homens escravizaram outros homens, que não eram vistos como seus semelhantes, mas sim como inimigos e inferiores. A maior fonte de escravos sempre foram as guerras, com os prisioneiros sendo postos a trabalhar ou sendo vendidos pelos vencedores. Mas um homem podia perder seus direitos de membro da sociedade por outros motivos, como a condenação por

transgressão e crimes cometidos, impossibilidade de pagar dívidas, ou mesmo de sobreviver independentemente por falta de recursos. [...] A escravidão existiu em muitas sociedades africanas bem antes de os europeus começarem a traficar escravos pelo oceano Atlântico (SOUZA, 2006, p. 47 apud MOCELLIN; CARMARGO, 2010, p. 174).

As pessoas se tornavam escravizadas principalmente por guerras. Outra forma de escravidão presente na África foi à escravidão por dívida: o indivíduo endividado passava a ser escravo do credor da dívida, assim como na Antiguidade. Mas a escravidão se tornou um negócio lucrativo tanto para os africanos que escravizavam, quanto para os europeus que traficavam escravos. A acentuação da escravidão na África aconteceu porque as vendas de escravos para a América se tornou uma lucrativa atividade (SOUZA, 2010).

Os solos africanos não eram favoráveis à produção de gêneros que favoreciam aos europeus. Segundo Lopes (1994), as colônias na América necessitavam de mão de obra para o trabalho da lavoura, pois naquele período o trabalho escravo era realizado pelos indígenas, sendo que os mesmos eram resistentes ao trabalho, não possuíam a força que os colonizadores procuravam para suprir o trabalho da lavoura, muitos fugiam pelas matas, pois já a conheciam bem, e sem falar nas epidemias que surgia devido o contato dos índios com os colonizadores. “Na medida em que a colônia se desenvolvia economicamente as formas de escravidão também se alteravam” (Mendonça, 2010 p.81).

De acordo com Mendonça (2010), o tráfico atlântico passou a ser mais viável para os senhores de engenho, pois o preço dos escravos africanos foi barateado, fazendo com que a compra dos escravos vindo da África se expandisse de forma mais fluente no Brasil. Depois de aprisionados em guerras entre os diversos povos na África, os africanos eram acorrentados e marcados com ferro em brasa para identificação. Eram então vendidos aos comerciantes europeus, americanos ou africanos que se estabeleciam no litoral da África e mandados para a América, nos chamados navios negreiros. Nos escuros porões dos navios, o espaço era reduzido e o calor, quase insuportável. Além disso, a água era suja e o alimento, insuficiente para todos. Os negros africanos, trazidos da África, eram transportados nos porões dos navios negreiros. Em função das péssimas

condições deste meio de transporte desumano, muitos morriam durante a viagem (MENDONÇA, 2010).

Após desembarcaram no Brasil eram comprados como por fazendeiros e senhores de engenho, que os tratavam de forma cruel e, muitas vezes, violenta. Embora muitos considerassem normais e aceitáveis, a escravidão naquela época, haviam aqueles que eram contra este tipo de prática, porém representavam uma minoria e não tinham influência política para mudar a situação. Dessa forma, a escravidão permaneceu por quase 300 anos. O principal fator que manteve o sistema escravista por tantos anos foi o econômico. A economia do Brasil contava quase que exclusivamente com o trabalho escravo para realizar os trabalhos nas fazendas e nas minas. As providências para a libertação dos escravos, de acordo com alguns políticos da época, deveriam ser tomadas lentamente (COMISSÃO DE ESTUDOS DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA 1988).

De acordo com Mendonça (2010), as primeiras regiões do Brasil que receberam escravos africanos foram Bahia e Pernambuco, locais onde a produção de açúcar mais prosperou. Ao chegarem aos seus destinos, os negros eram comercializados como uma mercadoria qualquer, e encaminhados para realizarem diversos tipos de atividades. Eram castigados severamente, não podiam expressar seus costumes e religiões. Viviam em senzalas, com pouca alimentação e condições precárias. Através de investigações da historiografia sobre a escravidão, foram relatados diversos fatos que enriquecem os detalhes desse período histórico. Alguns estudiosos através de análises de documentos da época puderam chegar a conclusões sobre como eram as vidas desses escravos negros na época do Brasil colônia (MENDONÇA, 2010).

Os escravos reagiam contra a sua condição de diversas maneiras. Algumas mulheres, por exemplo, provocavam abortos para evitar o sofrimento futuro dos filhos. Outros cativos chegaram a praticar o suicídio, enforcando-se ou envenenando-se, eram resistentes aos castigos corporais, assassinavam capatazes, faziam corpo mole no trabalho, isto é, reduziam ou paralisavam suas atividades. Muitas vezes, sabotavam a produção, quebrando ferramentas ou incendiando plantações. As fugas costumavam ser realizadas em grupos e, quando conseguiam chegar a locais seguros, formavam povoados organizados que levavam o nome de Quilombos. O maior e o mais conhecido foi o Quilombo dos Palmares, foi construído no século XVII, na Serra da Bariga, atual

estado de Alagoas, sua existência durou cerca de 90 anos, até ser destruído em 1965 pela expedição do Bandeirante Jorge Velho (GASPARETO, 2009).

Segundo Mendonça (2010), para adquirir a alforria os negros tinham a opção de compra-la, para isso tinha que juntar o pecúlio, assim chamado o dinheiro que eles acumulavam durante anos, que tinha por objetivo a compra da carta para sua liberdade. Alguns recebiam a alforria através de testamentos ou leis que surgiram com o passar dos anos, como a lei do ventre livre e do sexagenário. Os escravos nascidos na África tinham menos chances de receber a sua alforria, muitas delas eram destinadas aos crioulos, mulheres e pardos. A escravidão foi abolida em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea.

Conforme Lopes (1994), apesar de os africanos terem chegado ao Brasil sob as mais penosas condições e de terem sofrido, aqui, vários tipos de violência (física, cultural, religiosa), diversos aspectos e características da cultura africana estão presentes nas vivências culturais brasileiras. Essa presença cultural é marcante em diversos campos, como, por exemplo, a literatura, o vocabulário, a música, a alimentação, a religião, o vestuário e a ciência. Espalhada por todas as regiões do país, a cultura africana integra o modo de ser, pensar e viver da população brasileira, assim como, o trabalho do africano e de seus descendentes marca a economia brasileira ao longo de sua história.

ANALISANDO O LIVRO DE DIDÁTICO DE HISTÓRIA

Após contextualizar a história da escravidão, de acordo com textos específicos ao tema, faremos uma comparação com os dois livros escolhidos para análise.

O primeiro livro “História em construção” de Nelci Lopes e Valdelize C. Silveira, foi publicado em 1994, para ser utilizado na 3ª série do Ensino Fundamental. O livro é antigo em relação ao ano atual. Foi escolhido com o propósito de comparar um com outro. Ao todo contém 96 páginas. As referências em relação à escravidão aparecem no terceiro capítulo, distribuído em 07 páginas.

As autoras organizam o livro distribuindo a história de forma contextualizada. Causando certa surpresa, em relação à escravidão, o livro abrange a temática de forma detalhada e de fácil entendimento. O texto sobre a escravidão é bem distribuído, inicia falando sobre a escravidão na antiguidade, enfatiza a escravidão na África, o tráfico dos negros até chegar à escravidão no Brasil. Destacamos alguns trechos dos livros como: “A escravidão não foi uma forma de trabalho inventada pelos europeus no século XVI. Ela era praticada desde a Idade Antiga (3.500 a.C. até 476 d. C.) por diversos povos como gregos e romanos” (LOPES,1994,p. 48).

Como se pode observar ,o ano de publicação do livro analisado acima é de 1994, ressaltando que sua publicação é anterior ao PCN de 1997 e a Lei 10639, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afrobrasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. O mesmo já possui uma visão de escravidão ampla,e os detalhes são retratados com riquezas. Assim como trajetória escravista é exposta de forma clara não se referindo exclusivamente à escravidão do negro africano e sim desde a antiguidade. O trecho citado acima se refere à escravidão desde a antiguidade, seguindo a teoria de Pinsky (2010) que ressalta que a prática escravista surgiu a muitos anos atrás, e que não somente os negros africanos sofreram com a escravidão e sim outros povos como os Gregos e Romanos. O livro ainda destaca que: “Assim como entre os povos da Antiguidade, a escravidão era praticada ente os africanos” (LOPES,1994,p. 52).

O livro segue a trajetória história da escravidão, enfatizando que os africanos já eram escravizados antes do tráfico. De forma clara e detalhada, ele retrata como era realizada a pratica escravista na África. Partindo da premissa dos estudos que realizamos, podemos dar ênfase e comparar o que o livro ressalta com a ideia de Souza(2006) , o mesmo lembra que antes mesmo da chegada dos europeus no continente africano , a prática da escravidão já existia . Destacamos o seguinte trecho do livro: “Em algumas regiões, como Senegal e Nigéria, trabalhavam cinco dias por semana para seus proprietários. Seus filhos trabalhavam quatro dias. Seus netos trabalhavam três dias, e assim sucessivamente, até que a escravidão era abolida” (LOPES,1994,p. 52).

Em seguida, as autoras iniciam a trajetória com o tráfico negreiro, destacando fatos históricos do início ao fim dessa prática ,como: “O Brasil foi o maior importador

de escravos. Entre a segunda metade do século XVI e 1850, importou aproximadamente 3.600.000 africanos” (LOPES,1994,p. 54). E “O tráfico de escravos foi proibido, em 1850, pela Lei Eusébio de Queirós; contudo, o tráfico interprovincial perdurou até a abolição” (LOPES,1994,p. 60).

Fazendo uma analogia estudos realizados, podemos perceber que o livro didático analisado se aproxima da temática ,diferentemente de outros , pois o mesmo é rico em detalhes no que se refere a escravidão. Ele, em linhas gerais se aprofunda na temática e na trajetória da escravidão desde a antiguidade.

O segundo livro “História-4ª série” da coleção Vitória-Régia, é o manual do professor, desenvolvida e produzida pela Editora IBEP, tem como Editor responsável: Jean Carlos Moreno. Ano de publicação: 2001. O livro foi produzido para ser utilizado no 4º ano do nível fundamental. E contém 144 páginas. As referencias do tema escravidão estão explanados na Unidade 05 do livro e tem como titulo: “O negro no Brasil” distribuído em 03 páginas.

A organização da temática “ Os negros do Brasil” no livro analisado , é feita de forma resumida distribuídas em 03 (três) páginas. Não foi percebido um cuidado em detalhar a história de acordo com a realidade. Fez-se apenas uma breve histórico da chegada dos negros africanos no Brasil até a sua abolição, sendo retratado em apenas 2(dois) parágrafos pequenos. São eles: “Vindos de diferentes regiões da África, os negros foram trazidos para o Brasil como escravos como escravos. Aqui no Brasil, a sua cultura, seus hábitos, costumes, modo de viver e concepção de mundo foram desprezados e tratados como inferiores.” (MORENO, 2001, p.95)

No parágrafo seguinte, a história da escravidão já é finalizada, partindo para a abolição de forma breve e sucinta: “Em 1888, houve a abolição do trabalho escravo no Brasil. Porém os ex- escravos não receberam nada em troca de seu trabalho por tantos anos. Mesmo depois da abolição, a maioria deles continuou sendo marginalizada e tratada como inferior.” (MORENO, 2001, p. 95).

Em seguida, o livro aborda questões sobre o preconceito contra o negro com alguns depoimentos de pessoas pertencentes à 3ª geração de descendentes de escravos. Segue um trecho do depoimento:

“Minha Avó acha que preto é inferior ao branco. Ela ainda acha. Na opinião dela o preto sempre tem que abaixar os olhos para falar com o branco” (MORENO, 2001,p.96)

O último ponto citado no livro é sobre a influência negra da cultura do Brasil. Nesse tópico, o livro relata alguns aspectos que a cultura brasileira herdou dos negros. Destacando a capoeira, festas, danças e comidas.

Ao confrontarmos o livro didático citado acima com estudos e pesquisas realizadas através dos teóricos que tivemos como referência , notamos que o livro deixa a desejar no que se refere a história na sua total veracidade. Ele não explora a trajetória do negro enquanto escravo. Faltando detalhes ricos da história. O ano de publicação é o de 2001, e foi produzido após o PCN de 1997, ou seja, lamentavelmente não segue o parâmetro como deveria. Sendo assim, o livro se limita em repassar uma importante temática , limitando, dessa forma, o aluno de um conhecimento da história com os devidos detalhes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Quando falamos em escravidão, o que nos vem em mente são os escravos trazidos da África para que trabalhassem nas lavouras de cana de açúcar no Brasil. O primeiro livro analisado já desmitifica essa ideia, pois ele, em termos de organização referente à temática escravidão, retrata com detalhes ricos a trajetória escravista, mostrando que a escravidão é uma prática exercida desde a antiguidade. Muitas vezes, não paráramos para investigar um pouco mais da história e observar quão extensa ela é. Foi isso que aconteceu, esse estudo nos proporcionou um olhar voltado aos detalhes ricos que o tema escravidão oferece, e ao pesquisarmos e nos aprofundarmos, percebemos que ir além é essencial para o nosso aprendizado.

Partindo do pressuposto de analisar livros didáticos, notamos que o tema muitas vezes passa despercebido devido à abordagem resumida. Os detalhes não são expostos e isso faz com que o aluno deixe de adentrar na história. Felizmente ao analisar o primeiro livro, nos deparamos com um texto que, em sua totalidade, nos mostra uma organização mais ampla no que se refere à escravidão, o fato do mesmo ser anterior ao

PCN e a LEI 10639. E lamentamos que mesmo depois do PCN ainda foram produzidos livros didáticos muito resumidos que não ajudam na compreensão do processo de escravidão, como foi o caso do segundo livro analisado.

Chegamos a uma conclusão de que o professor deve sim utilizar o livro didático, mas também deverá utilizar outros artefatos para que os alunos possam conhecer a história de acordo com visões mais amplas, procurando sempre se aprofundar na riqueza de detalhes que são essenciais para a sua compreensão.

REFERÊNCIAS :

COMISSÃO DE ESTUDOS DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA. A história dos africanos na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1988. Leia mais em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-escravidao-no-brasil-uma-analise-apartir-dos-livros-didaticos-de-historia/114476/#ixzz3IWBjdfGK>

CORREA, Rosa Lydia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a02v2052.pdf>>. Acesso em: 20 outubro. 2014.

GASPARETO ,Antônio . Navios negreiros. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/escravidao-no-brasil/navios-negreiros/>> Acesso em: 27 de outubro de 2014.

LOPES, Nelci e SILVEIRA, Valdelize,C. História em construção. 3ª série / Nelci Lopes/e/ Valdelize C. Silveira; supervisão pedagógica Cacilda Machado/e/ Marília M. Rodrigues. Curitiba: Renascer, 1994.

PINSKY, Jaime. A escravidão no Brasil. 21.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, Marina de Melo e. África e Brasil africano. In: CAMARGO, Rosiane de; MOCELLIN, Renato.*História em debate*. Volume 2. Ensino Médio. São Paulo: Editora do Brasil, 2010, p. 174.